

“Hoje, ao chegar à aula, já percebi as crianças um pouco inquietas com o que a professora Fred havia escrito: ‘O que é filosofia?’. Algumas cochichavam que se tratava de alguma comida ou marca de roupa. Fred tentava ilustrar (no quadro branco) da forma mais didática uma figura de um homem sentado com a mão segurando o queixo, e sobre sua cabeça havia nuvens, e sobre elas haviam objetos como árvores, casas, números, palavras e algum animal. Conforme Fred falava categoricamente, eu me lembava de todas as questões etimológicas e epistemológicas que tal termo ‘filosofia’ poderia suscitar. Pensei também no que Ortega y Gasset diriam, de como a experiência e percepção andam lado a lado com a reflexão, e que (sem dúvida) se tratava de um fenômeno de autoconsciência único para espécie humana. Mas, tudo isso, parecia ainda mais categórico porque algumas coisas parecem mais difíceis de explicar do que mostrar, tal como explicar o que é a vida, cada um poderia ter uma perspectiva (da mais concreta — biológica — a mais abstrata — portanto, poética). Talvez filosofia e vida sejam iguais, contendo, as duas, uma parte concreta e outra abstrata (14/04/2021).”

“A caminho da aula lembrei-me de uma notícia a respeito dos cursos de filosofia e sociologia. Segundo a notícia, o presidente da república do país com nome de vegetal, como costumam inferir as crianças, o presidente almejava reduzir os investimentos do MEC nas áreas de filosofia e sociologia. O que gerou mais debates em relação à importância dessas áreas para a sociedade como um todo. Nas conversas corriqueiras a população sempre atarefada parecia não conseguir enxergar com clareza ou ouvir qualquer som bem pensado sem considerá-lo ruído. Toda essa percepção fez com que eu rememorasse a relação entre a filosofia e seu desenvolvimento no Brasil, como Ramose apresenta em seu texto, o quanto todas as consequências da colonização, exploração e doutrinação religiosa ainda estavam enraizadas na população. Lembrei-me dos jornais e das aulas sobre a ditadura militar, período este quando a filosofia assumiu uma imagem negativa em relação aos seus propósitos, como algo tão repugnante que deveria ser retirado até mesmo do currículo escolar geral (05/05/2021).”

“Decidi começar o debate da mesma forma que a professora Juliana Oliva iniciou durante uma de suas aulas de licenciatura na FEUSP, comecei lendo uma das incríveis histórias de Clarice Lispector (*Menino a bico de pena*), para que pudesse, assim, desenvolver a relação do autoconhecimento, do quanto a liberdade, caso seja requisitada, possui irmãos gêmeos: o medo e a curiosidade, ou a ruptura e a adaptação, ou o eu e o outro. Meu intuito era discutir com as crianças o quanto a vida em sociedade exige cumplicidade, o olhar o outro, pois as nossas ações afetam a todos, o mundo, o eu, o outro, que, em última instância, significa um nós. Mas esse mundo, tal como Beauvoir apresenta em alguns de seus filosóficos escritos, representa uma liberdade que é coletiva, mas que de início — sobretudo durante a infância — parece individual, fechada, dada por nossos próximos, mas que exige de nós, com o passar dos anos, uma postura crítica e responsável em relação ao que está ao redor, tal como a criança que sai do ambiente acolhedor do mundo forjado pelos pais para ir em direção ao mundo caótico, que exige interação (12/05/2021).”

“As luzes estavam apagadas quando Fred iniciou a apresentação com muppets, tratava-se de uma encenação improvisada da *Alegoria da Caverna*, de Platão, e as crianças estavam animadas, atentas, algumas até temeram as sombras na escuridão segurando-se umas às outras, num encontro entre mãos próximas que vinham, instintivamente, guiadas pela intuição. Arendt veio à minha mente com sua sentença “Tudo que vive... emerge das trevas”, denotando que apesar de qualquer ser (sobretudo a criança) direcionar-se à luz, necessita sempre da segurança fornecida pela escuridão. Isso, com efeito, fez-me lembrar do quanto a sociedade, sobretudo a educação, está mesclada e manchada entre o público e o privado, e o quanto essa mistura sem equilíbrio afeta a vida de todos, principalmente dos que estão em construção, e o quanto os maiores problemas enfrentados no ensino, nas escolas, pelos alunos são justamente devidos a outros problemas que estão lá fora, no mundo social exigente, vigente e reconhecido como tal (26/05/2021).”

“Estava assistindo ao jornal quando me dei conta das inúmeras mortes que estavam sendo ceifadas no mundo, por conta da nova pandemia. Os gráficos e o aumento absurdo à referência “média móvel”, pareciam corriqueiros e sempre dispostos a aumentar sua frequência de uso. Lembrei-me do que disse Adorno em relação a essa tentativa de transformar a vida em números. Lembrei-me também da aula de hoje, pois hoje foi dia de filme. Fred escolheu um filme que tratava do bullying nas escolas, seu intuito era conscientizar os alunos para que pudessem olhar a si mesmos em suas ações e, mais ainda, para que pudessem saber que podiam contar com a equipe pedagógica e com os pais. Tudo aquilo tinha como intuito o evitar, pois tal como as agressões que ocorrem nas escolas, grandes conflitos também são desencadeados por diversos fatores sociais e culturais que podem ser ajustados para que não ocorram. Por isso, lembrei-me de Adorno também, pois ao tratar da autonomia reflexiva, nos moldes convocados por Kant, precisamos levar em conta alguns eventos do passado e cenários possíveis no futuro para que possamos quebrar os ciclos (02/06/2021).”

“A caminho da aula pensei também a respeito do surgimento das primeiras escolas, o quanto os modelos educacionais no Brasil foram baseados em ideais ultrapassados e com embasamento quase behaviorista de estímulo e recompensa. E tal como Sibilia menciona, o quanto é possível estabelecer estreita relação entre escolas e exércitos, adestramento e passividade, crianças e era industrial, mercado e coisificação humana... Parece ainda que atualmente temos novos problemas a resolver sobre e dentro das salas de aula, pois é como se novas pulsões tivessem surgido por conta das novas relações imediatistas e utilitaristas da sociedade dita civilizada (12/05/2021).”

Fillipe Alves Cruz